

# A CRIAÇÃO DOS ANNALES DE GÉOGRAPHIE (1891)

## Estratégia Universitária e Geografia Humana\*

Marie-Claire Robic\*\*

**Resumo:** Dentre as revistas engendradas durante o período de entusiasmo dos anos 1870-1890, os *Annales de Géographie* são uma das poucas na França que ainda persistem. Durante cerca de um século, os *Annales* traduziram a vitalidade da “Escola francesa de geografia”, ainda que novas revistas nacionais animem os debates em nossa disciplina desde os anos setenta. A criação dos *Annales de Géographie* é consequência de uma estratégia de ruptura com os lobbies ligados às sociedades de geografia e aos interesses econômicos e militares. A revista contribuiu de maneira decisiva para a institucionalização da geografia universitária, cujo objetivo, no contexto da Terceira República, era tanto científico quanto pedagógico. Os *Annales de Géographie* e o grupo de *normaliens* que, ao redor Vidal de la Blache, apoiaram o periódico, também foram inovadores graças à invenção da “geografia humana” e da dualidade geografia física-geografia humana.

**Palavras-chave:** *Annales de Géographie*; Escola de Geografia; França; Paul Vidal de la Blache; História do Pensamento Geográfico.

### THE FOUNDING OF ANNALES DE GÉOGRAPHIE (1891): ACADEMIC STRATEGY AND HUMAN GEOGRAPHY

**Abstract:** *Annales de Géographie* is one of the rare periodicals left from the time of geographical enthusiasm in the 1870s-1890s. The journal has illustrated for almost a century the vitality of the “French geographical school”; during the last twenty years, new French serials have animated the debates in the field.. The founding of *Annales de Géographie* is result of a strategy to break away from the lobbies linked to geographical societies and to economic and military

---

\* Traduzido da versão em espanhol publicada em *Documents d'anàlisi geogràfica*, 22, pp. 47-64, 1993, a quem agradecemos a autorização da publicação em português. Uma vez que cotejamos a versão em espanhol com o original em francês, também rendemos nossos agradecimentos à autora do artigo, professora Marie-Claire Robic, pelos esclarecimentos no tocante às conotações de alguns vocábulos em francês. Tradução: Lara D'Assunção dos Santos (Formanda do curso de Geografia da UFRRJ e integrante do LAPEHGE) e Guilherme Ribeiro (LAPEHGE/UFRRJ). Este trabalho insere-se nas atividades do Laboratório Política, Epistemologia e História da Geografia, coordenado pelo professor Guilherme Ribeiro, e contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e da Fundação de Apoio à Pesquisa da UFRRJ.

\*\* Diretora Emérita de Pesquisa do Centre National de Recherche Scientifique (CNRS). Equipe Épistémologie et Histoire de la Géographie (EHGO), UMR Géographie-cités, Paris.

interests. The periodical has contributed in a decisive manner to the institutionalization of an academic geography whose purpose was, in the context of Third Republic, both scientific and pedagogic. The *Annales de Géographie* and the group of scholars from the *Ecole normale supérieure* that supported the journal around Vidal de la Blache were also innovative by the invention of “the human geography” and of the duality between physical and human geography.

**Keywords:** *Annales de Géographie*; Geography; France; Paul Vidal de la Blache; History of Geographical Thought.

### LA CRÉATION DES ANNALES DE GÉOGRAPHIE (1891): STRATÉGIE UNIVERSITAIRE ET GÉOGRAPHIE HUMAINE

**Résumé :** Les *Annales de géographie* sont l'une des rares revues qui subsistent en France de la période d'engouement géographique des années 1870-1890. Elles ont traduit pendant près d'un siècle la vitalité de l'«Ecole française de géographie» ; depuis les années 1970, de nouvelles revues nationales animent les débats dans la discipline. La création des *Annales de géographie* relève d'une stratégie de rupture avec les lobbies liés aux sociétés de géographie et aux intérêts économiques et militaires. Elles ont contribué de manière décisive à l'institutionnalisation d'une géographie universitaire dont l'objectif, dans le contexte de la Troisième République, était à la fois scientifique et pédagogique. Les *Annales de géographie* et le groupe de Normaliens qui soutient la revue autour de Vidal de la Blache ont aussi été institutantes par leur invention de la géographie humaine et de la dualité géographique physique-géographie humaine.

**Mots-clés:** *Annales de Géographie*; Géographie; France; Paul Vidal de la Blache; Histoire de la Pensée Géographique.

## Introdução

Os *Annales de Géographie* já são centenários.<sup>1</sup> Entre as revistas francesas de geografia, apenas o *Bulletin de la Société Languedocienne de Géographie* pode orgulhar-se de ser mais velho. Mesmo assim, à ocasião de seus cento e dez anos, notou-se que ele só se tornara revista universitária após os anos trinta. Não existe nenhuma descontinuidade

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi publicado quando do centenário dos *Annales de géographie* e, fora alguns pequenos detalhes, não foi retocado. Uma atualização da trajetória da geografia francesa (evocada aqui na conclusão) encontra-se em ROBIC, Marie-Claire, TISSIER, Jean-Louis, PINCHEMEL, Philippe (éd.) *Deux siècles de géographie française. Une anthologie*, Paris, CTHS, 2011 ( Ver “Introduction”, partie 6 : “Trente ans de géographie contemporaine”, “Repères bibliographiques”).

deste tipo nos *Annales de Géographie*, que conservou o mesmo caráter universitário que presidiu sua fundação. Nenhum editorial de combate balizou sua longa vida durante o século XX. Em 1942, em plena derrota, o cinquentenário da revista permite a Emmanuel de Martonne (1873-1955) fazer um balanço positivo, assinalando as inflexões na trajetória da mesma. Segundo ele, os *Annales* quiseram ser “como que o espelho” da geografia (MARTONNE, 1942:1). No Congresso Internacional de Geografia de 1984, Pierre George (1909-2006) também perfaz um balanço ponderado, qualificando o periódico como “um intérprete quase centenário” (GEORGE, 1984:281), fiel aos seus objetivos iniciais – reflexo da sensibilidade dos geógrafos tanto em relação ao atual quanto às novidades científicas. Em 1971, um breve editorial sob a forma de “Perspectivas” quis nitidamente engajar os *Annales* rumo a novas fronteiras, “condição de rejuvenescimento e da reinserção da revista na atualidade das pesquisas e da vida” (ANNALES, 1971: 643). Tratava-se de abordar questões de epistemologia, metodologia e, também, meio ambiente.

Nesta longa vida (e, no cômputo geral, tranquila), parece que alguns períodos foram mais propícios à reprodução, à inovação e à busca de novos ajustes. Porém, não examinaremos o que esses cem anos de continuidade editorial representam, mas, sim, seus primórdios. O nome *Anais* [*Annales*] queria “marcar com clareza a finalidade do novo periódico” (ANNALES, 1891-92:III). O nascimento dos *Annales de Géographie* foi combativo? Qual campo de forças presidiu sua fundação? É possível extrair dela inovações decisivas?

## I. Uma revista universitária de geografia: a fundação por *normaliens*<sup>2</sup>

### 1. A geografia nas festas do Centenário

Em 1889, a República celebrava confiante um século de Revolução. Juntamente às festas do Centenário, ocorria em Paris a Exposição Universal, acompanhada de quase

<sup>2</sup> Alunos ou egressos da *École Normale Supérieure* [Escola Normal Superior] (ENS). Optamos por manter o vocábulo no original francês e não utilizar o termo *normalistas* a fim de não confundir o leitor com o uso da expressão no Brasil, conhecida por definir as estudantes do curso pedagógico que lecionavam no então chamado Ensino Primário (N.T.).

cem congressos internacionais. Em 5 de agosto de 1889 inaugurou-se a Nova Sorbonne, símbolo do investimento dos Republicanos no ensino universitário. No mesmo dia, foi aberto o IV Congresso Internacional de Ciências Geográficas, presidido pelo célebre Ferdinand de Lesseps. De 6 a 9 de agosto, o grupo de geografia pedagógica do Congresso, sob a presidência de Paul Vidal de la Blache (1845-1918), reunia exploradores, cientistas, militares e pedagogos de todos os países europeus, entre os quais Rafael Torres Campos (delegado da Sociedade de Geografia Comercial de Madrid), o coronel Coello, o genebrino Charles Faure, o delegado belga J. du Fief e inúmeros franceses.

Secretário da Sociedade de Topografia e diretor da *Revue de Géographie*, Ludovic Drapeyron (1839-1901) felicitava-se pelo encontro entre o Universo e a Universidade... Ele via em tal encontro um bom presságio para a geografia, prevendo o desenvolvimento de novas instituições de ensino. No entanto, suas declarações deixavam transparecer uma latente inquietude: o grupo pedagógico lhe pareceu dividido e titubeante, enquanto o Congresso não conseguiu ser uma “Constituinte” capaz de transformar as “ciências geográficas” em uma verdadeira geografia (DRAPEYRON, 1890a: 40).

No outono de 1891, o editor republicano Armand Colin publicou o primeiro volume dos *Annales de Géographie*, dirigido por Paul Vidal de la Blache (sub-diretor da Escola Normal Superior, a prestigiosa escola onde se formava a elite dos docentes) e por Marcel Dubois, *maître de conférences* de geografia na Sorbonne. Vitalidade da geografia e, ao mesmo tempo, afronta em direção aos antigos difusores da geografia: o editorial dos *Annales de Géographie* era um manifesto. Pretendia-se substituir as publicações geográficas francesas, julgadas demasiado numerosas e bastante medíocres, por uma revista de qualidade científica que fosse simultaneamente pedagógica, patriótica e científica (TISSIER, 1991).

Três anos depois, uma nova equipe ocupava a direção: sem nenhuma explicação, Dubois era substituído pelo geólogo Emmanuel de Margerie (1862-1953) e pelo geógrafo Lucien Gallois (1857-1941) (também *normalien*, tal como Vidal de la Blache e Dubois). Mais tarde, a direção da revista só conheceu sucessões aparentemente

tranquilas, com os novos professores da Sorbonne sobrevivendo os antigos... O que representou esta fundação dos *Annales de Géographie* e, em seguida, esta rápida transformação na direção?

## 2. Quatro modelos para o desenvolvimento da geografia na França

### a. A ciência geográfica e o ensino de geografia

Já foi mostrado que o principal fator de desenvolvimento da geografia na Europa durante a segunda metade do século XIX foi o movimento de modernização através da escolarização (CAPEL, 1981). Na França, a demanda por geografia escolar instaurou vários tipos de relações entre a “ciência geográfica” e o ensino. Simplificando, podemos distinguir quatro tipos.

Para os reformadores do ensino que cooperam desde a década de 1860-1870 em torno de Émile Levasseur, a disciplina universitária que deve responder à demanda de ensino de geografia deve ser modesta, somente “uma arte cuja ciência é a economia política” (RHEIN, 1982:233). Inspirado na doutrina liberal, este programa exige pouco investimento intelectual. Fornecedora de dados à história e à economia política, a geografia é, sobretudo, um inventário localizado de espaços e de recursos. Nestas condições, se o “imperativo escolar” é um convite à adoção de uma carreira de geógrafo, esta é pouco exigente no plano científico.

Para as sociedades de geografia, a geografia responde a funções mais diretamente utilitaristas: guia para a exploração de territórios, produtora de informações sobre o estrangeiro, auxílio para a administração ou para a gestão dos interesses das colônias. Assim, a geografia abrange um conjunto heterogêneo de disciplinas, que vão da geodésia à etnografia: elas correspondem ao projeto de uma Escola de geografia que agrupe o conjunto das ciências geográficas, porém sem essencialmente fazer da geografia uma unidade racionalmente fundada.

Uma terceira corrente vê na geografia um agente essencial de formação *ideológica*, quer seja basicamente patriótica, “revanchista” após a humilhação da derrota de 1870,

nacionalista ou colonialista. Aqui, os círculos militares estão muito presentes, mas trata-se de uma ideologia difusa a qual poucos contemporâneos escaparam. Neste sentido, ela é pouco característica.

Finalmente, um quarto impulso, difundido oficialmente a partir de 1876-1877 pela política de instrução pública da República, visa propagar, em conjunto, a ciência e a formação dos cidadãos. Este laço estabelecido entre a pedagogia e a ciência — recordemos o lugar de um Pasteur no Panteão republicano da época — transforma a universidade (KARADY, 1983). Conforme a reforma republicana, de um lado a universidade deve assegurar a formação de professores de diferentes graus de ensino e, em 1877, foram criadas as *maîtrises de conférences* para prover quadros docentes aos numerosos estudantes; de outro lado, o desenvolvimento das carreiras universitárias se vê ligado à contribuição ao progresso científico. Daí em diante, um “imperativo científico” apoiado por concepções positivistas governa tanto o curso de geografia universitária quanto o corpo das disciplinas desenvolvidas ou criadas na Universidade (letras vivas e sociologia).

b. *Escola de geografia ou estrutura universitária?*

Qual é a situação da geografia durante os anos 1880-1890?

Ao lado das sociedades geográficas provinciais que militam localmente a favor dos cursos de geografia (BERDOULAY, 1981:63; LEJEUNE, 1987), dentre os propagandistas do ensino de geografia a Sociedade de Topografia e seu animador, Ludovic Drapeyron (1839-1901), estão entre os mais ativos. Esta Sociedade foi criada em 1876 (e sua revista em 1877) por um professor de liceu e outros pedagogos aliados aos topógrafos, cartógrafos e professores de escolas militares. Eles conduziram campanhas junto a sucessivos governos e nos congressos internacionais de geografia, visando desenvolver o ensino de geografia em todos os estágios e instituir uma Escola Nacional de Geografia. Estas “batalhas” fracassam: em 1885, apesar do apoio de vários parlamentares e do *lobby* colonial, Drapeyron não consegue obter a criação da referida Escola (BROC, 1974). Sob pressão de professores da Sorbonne como o historiador Ernst

Lavisse (1842-1922), um dos “patronos” da Universidade republicana, e Auguste Himly (1823-1906), decano especialista em geografia histórica, o ministério preferiu reforçar o ensino nas universidades. A solução foi gerar, ao lado das cátedras de geografia na Faculdade de Letras, alguns postos de geografia física na Faculdade de Ciências. Igualmente, Drapeyron falhou na criação de uma *agrégation*<sup>3</sup> de geografia. De fato, no mesmo momento, soluções externas são aplicadas, tais como a criação de uma Escola Colonial (1889) impulsionada pelo Ministério das Colônias — que, à época, adquire sua autonomia em relação ao Ministério da Marinha (BERDOULAY, 1981:60). Por outro lado, um novo poder está em vias de emergir: o dos universitários.

As formas de institucionalização das disciplinas dependiam de situações antecedentes e das relações de força na Universidade. Para os geógrafos, a estratégia universitária consistiu — como tem sido demonstrado em comparação com a sociologia, então completamente inexistente nas universidades (KARADY, 1979) — em apoiar-se na presença prévia da “geografia histórica” nas Faculdades de Letras enquanto iam se autonomizando. Ao mesmo tempo, os geógrafos deviam aliar-se aos historiadores universitários, embora tivessem que saber distinguir-se deles (ROBIC, 1991b, 1992). O estabelecimento de uma aliança com os naturalistas das Faculdades de Ciências contribuiu para compensar essa convivência inicial com a história. Porém, em uma delicada política de equilíbrio que lhe permitiu afirmar sua autonomia, os geógrafos também tiveram que se distanciar dos “cientistas” — particularmente dos geólogos, os naturalistas mais imperialistas em relação à geografia.

### **3. A emergência de novos geógrafos *normaliens* na esteira de Vidal de la Blache**

#### *a. Três gerações de normaliens*

Entre os acadêmicos cuja formação inicial possui mais vantagens frente ao imperativo “científico” e que muito prontamente adotam a estratégia universitária para o desenvolvimento da geografia encontra-se, na linha de frente, Paul Vidal de la Blache.

---

<sup>3</sup> Concurso nacional organizado para recrutar professores escolares (N.T.).

Catherine Rhein destacou quão lenta fora sua carreira e tardia sua notoriedade, em comparação a seus colegas que optaram por estratégias mais imediatamente rentáveis (RHEIN, 1982). Este é o caso de Pierre Foncin (1841-1916), que tornou-se, entre outras coisas, alto funcionário de ensino seguindo a via de uma geografia “pedagógica” de débil inovação intelectual. Pode-se apontar também a figura de Drapeyron, que aderiu às estratégias “utilitárias” sem fazer um investimento intelectual sistemático e sem compreender que as transformações estruturais dificultavam toda inovação científica ou pedagógica sem o apoio do ensino superior.

A emergência de um grupo que se reconhece nas opções de Vidal de la Blache é sentida alguns anos antes dos *Annales de Géographie*. Ele mobiliza a elite dos futuros professores, os alunos da *École Normale Supérieure*, onde ensina geografia desde 1877. Este grupo inclui, de início, os *normaliens* da geração nascida ao redor de 1855: Bertrand Auerbach (1856-1942), Marcel Dubois (1856-1916), Paul Dupuy (1856-1948), Lucien Gallois (1857-1941) e, alguns anos mais tarde, Edouard Ardaillon (1867-1926) e Pierre Camena d'Almeida (1864-1943). Tão logo após a *agrégation* de história-geografia, ao invés de seguirem uma carreira em um liceu como seus antecessores, eles alcançam a *maîtrise de conférences*, novo tipo de posto universitário criada no mesmo momento em que eles entram na carreira docente. As disciplinas modernas pouco valorizadas até então, como letras e geografia, oferecem boas oportunidades na universidade: a oferta precede a disponibilidade de especialistas já formados; ainda é preciso, praticamente, improvisar-se como geógrafo...

Após esses pioneiros, o lançamento dos *Annales de Géographie* precipita o movimento de expressão de um grupo que se reconhecerá vidaliano. Compreende jovens nascidos a partir de 1865-1870 que se relacionam com a *École Normale* durante os primeiros anos dos *Annales*. Eles formarão a primeira geração de geógrafos universitários modernos que produzem, desde o começo, uma investigação geográfica defendendo teses de geografia e não mais de história, abandonando a geografia de gabinete e o gênero da geografia histórica para consagrar-se à geografia de campo. São eles: Raoul Blanchard (1877-1965), Jean Brunhes (1869-1930), Albert Demangeon (1872-1940), Emmanuel de Martonne (1873-1955), Louis Raveneau (1865-1937), Camille Vallaux

(1870-1945), Antoine Vacher (1873-1920), Maurice Zimmermann (1869-1950) e, mais tarde, Jules Sion (1879-1940), Paul Girardin (1875-1950) etc. Com participações nuançadas, eles compuseram a base de uma equipe editorial: secretário de redação, cronista, diretor ou colaboradores da Bibliografia geográfica, autores, futuros diretores...

*b. A afirmação universitária*

Em 1888, este grupo *normalien*, sem dúvida, ainda não existe ainda “por si”. Entretanto, algumas manifestações de hostilidade por parte das sociedades de geografia e de diversos *lobbies* vizinhos como o da *Revue de Géographie* também são indícios de uma cuidadosa preparação rumo a uma prática geográfica científica que começa a ocorrer no final dos anos 1880. Eles são o resultado do fato daqueles jovens professores que começaram a se estabelecer nas Faculdades do interior. Assim, em 1887-88, em sua aula inaugural, Bertrand Auerbach (1856-1942), *agrégé* de história, *maître de conférence* em Nancy desde 1885 e *docteur d’État* em 1888 (cuja tese auxiliar foi sobre Estrabão), denuncia os “devotos” da geografia: exploradores, sociedades geográficas e, sobretudo, homens de ciência e pedagogos muito ambiciosos (AUERBACH, 1888:48). Sob pretexto de desenvolver a geografia, não fazem — garante Auerbach — senão desacreditá-la, seja através das práticas de compilação, seja em função de seus projetos enciclopedistas ou por causa do imperialismo científico. Inaugurando um ensino universitário, Auerbach preconiza uma virtude, a “paciência” (idem, p.66), e uma garantia, o “espírito científico” (ibidem, p.63):

O verdadeiro papel do professor de geografia consiste em criar, fixar o método, papel particularmente ingrato quando se trata de uma ciência nova ou, antes, novata; quando se trata de uma ciência atacada e que é preciso defendê-la não apenas de seus adversários, mas, também, de amigos muito calorosos (ibid. pp.63-64).

Ao projeto de uma Escola de geografia Auerbach opõe a estrutura universitária, fazendo sua, portanto, a solução de Drapeyron que não fora adotada em 1885. Desta

maneira, Auerbach aparece como um dos defensores da solução universitária para o desenvolvimento da geografia.

Igualmente, Marcel Dubois — colega de Auerbach na *École Normale* e que desde 1885 lecionava Geografia na Sorbonne —, intervém sobre o mesmo modelo, enfatizando que aderiu à solução universitária após ter defendido o projeto de uma Escola especial. Ele aponta a mesma crítica que Auerbach aos “neófitos” imprudentes (DUBOIS, 1888:465); em oposição a estes últimos, destaca a “disciplina científica” (idem, p.462) e ressalta as exigências do “ofício” de geógrafo. Desde o ano de 1888, Dubois anuncia a emergência de um grupo, uma nova *escola* capaz de assumir a função científica e pedagógica necessárias à “geografia racional”, a quem expressa seus melhores votos. Vidal de la Blache é implicitamente mencionado como o “mestre” que se viu obrigado a assumir papel de precursor perseverante, discreto e desinteressado:

Ele preferiu encerrar-se em um círculo de alunos tal como em um círculo de amigos, penetrar lentamente, porém com uma reserva plena de calor, mentes que um golpe muito brusco desencorajou ou tornou hostis; optou por preparar o caminho e mostrá-lo aos mais novos antes que prosseguir rapidamente em seus interesses particulares (ibidem, p.465).

Dubois prenuncia uma real autonomização da geografia na universidade — tanto em relação à história quanto às ciências naturais:

O momento não é mais aquele em que se podia observar o futuro com inquietude e se perguntar se nunca encontraremos um número de verdadeiros geógrafos igual ao de cadeiras de geografia de nossas Faculdades. Pelo contrário, tudo permite crer que em breve revelar-se-ão vários geógrafos, aos quais não faltarão nem vocação, nem conhecimento. A presteza da administração superior e dos professores que inauguraram a reforma dos antigos métodos entre nós será rápida e amplamente recompensada. Em poucos anos, não será preciso confiar cadeiras de geografia aos historiadores, nem recorrer ao auxílio direto de nossos colegas de ciências para o ensino de geografia física (ibid. p.472).

Assim são designadas as disciplinas que ora serão aliadas, ora inimigas da geografia.

### c. A batalha do Congresso Internacional (1889)

Porém, é durante o Congresso Internacional de Paris que um grupo de *normaliens* próximos a Vidal de la Blache aparece publicamente em toda sua coerência. Como era

comum naquele tempo, eles se reúnem na seção dedicada à pedagogia — um dos lugares estratégicos do Congresso, pois é o único onde se discute geografia globalmente. Na *Revue de Géographie*, Drapeyron relata com certo embaraço o dinamismo conquistador do grupo:

Eles eram presididos por um eminente professor que, embora ainda jovem [Vidal tinha 44 anos, Drapeyron, 50 anos, e os outros, 32, 33 anos], formara alunos que já eram mestres. A ativa participação desses alunos, desses mestres, em virtude do talento que exibiram, foi um dos fatos mais marcantes que observei. Um grupo muito letrado e muito eloquente e que situava-se à direita entre os moderados, ao passo que à esquerda estavam os partidários da ciência, os representantes da Sociedade de Topografia e os veteranos dos Congressos Internacionais de Paris, Bruxelas e Veneza (DRAPEYRON, 1890a:41-42).

Além da questão da didática na escola primária (sobre o qual Dupuy foi aplaudido fervorosamente), discutiu-se a organização de novas instituições pedagógicas. O grupo *normalien* uniu-se para que adotassem suas idéias a favor de uma geografia universitária estabelecida nas Faculdades de Letras. Tratava-se, para os *normaliens* e universitários, de implantar cátedras de geografia nas Faculdades de Letras onde já existiam algumas cadeiras de geografia (histórica). A base da formação seria a *agrégation* de história já existente. Tal formação seria complementada, em termos contratuais, por meio de ligações pluridisciplinares, estabelecidas, sobretudo, com os naturalistas, a partir do modelo das excursões comuns descritas pelo líder Vidal de la Blache. O objetivo científico dessas cátedras especiais de geografia seria construir uma entidade real. Os contornos epistemológicos dessa geografia moderna foram apresentados durante o Congresso, sublinando uma formação *desinteressada* com ênfase em geografia *geral* (Dupuy, Vidal de la Blache), *história, economia* (Gallois, Vidal de la Blache) ou *etnografia* (Camena d'Almeida) e em detrimento da proeminência conferida à geografia física por topógrafos franceses e alemães (Vidal de la Blache).

A intensidade das discussões impulsionadas por este grupo e a transigência na tomada de decisões permitiram a Vidal de la Blache evitar questões embaraçosas. A determinação dos *normaliens* permitiu, sobretudo, excluir a idéia de um ensino “total” de geografia na universidade, projeto que parecia ser a posição de recuo de Drapeyron: tratava-se de uma formação que associava uma ampla gama de diferentes

matérias com uma forte base matemática e geológica — mais associada às Faculdades de Ciências, portanto.

O que representava um desejo unânime era, segundo a proposta de Vidal de la Blache, a organização, ao redor de uma cátedra de geografia nas Faculdades de Letras, de “relações orgânicas entre o ensino de geografia e o das ciências que podem lhe servir como auxiliares” (QUATRIÈME CONGRÈS, 1890: 583). Não encontramos aqui o esquema de pluridisciplinaridade praticado pelos *Annales de Géographie* durante vinte anos? Todos os balanços das duas primeiras décadas dos *Annales* realçam a presença maciça de especialistas em ciências naturais, geólogos, botânicos, climatólogos, hidrólogos etc. ao redor dos novos geógrafos aprovados na *agrégation* em história (MARTONNE, 1941; MEYNIER, 1969; GEORGE, 1984; TRICART, 1991).

Convidado a expor suas opiniões na *Revue de Géographie* a partir do segundo semestre de 1889, Paul Dupuy permitiu-se citar nominalmente Vidal de la Blache como principal precursor e reconhecido mestre da renovação da geografia francesa. O reconhecimento vem também do exterior: Charles Faure, suíço presente no Congresso, explica, no ano seguinte, em um artigo dedicado ao ensino de geografia na França no qual ressalta a aura pedagógica de Vidal de la Blache, a emergência de um círculo vidaliano (FAURE, 1889-1891). Verdade que as cartas murais Vidal-Lablache publicadas pela Armand Colin desde 1885 têm grande êxito, e que seus cursos na *École Normal Supérieure* e na *École Normale* feminina de Fontenay-aux-Roses são acolhidos com entusiasmo. Finalmente, em princípios de 1891 aparecem os primeiros fascículos do *Atlas général Vidal-Lablache*, cuja concepção será um marco e dará lugar a um verdadeiro manifesto, o famoso *Prefácio* de 1894.<sup>4</sup>

Por acaso não havia chegado o momento de lançar também uma revista que fosse porta-voz do grupo, instrumento de sua visibilidade e espaço de elaboração da ciência a ser arquitetada?

---

<sup>4</sup> A versão em português deste texto, bem como de outros três artigos de Vidal de la Blache mencionados na presente bibliografia (VIDAL DE LA BLACHE, 1898, 1903, 1911), pode ser encontrada em: HAESBAERT, Rogério, PEREIRA, Sergio Nunes, RIBEIRO, Guilherme (orgs.). *Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (2012). (N.T.).

## II. Os *Annales de Géographie* e a ciência da Escola Francesa de Geografia

A ruptura entre a estratégia universitária mencionada e as ambições das Sociedades de Geografia e dos *lobbies* coloniais e econômicos foi firmada *a posteriori* por meio dos termos nos quais os universitários ensaiarão reorientar a ação das adormecidas Sociedades geográficas. Assim, em 1908, De Martonne propõe-se a organizar conferências científicas e excursões para a Sociedade de Geografia de Lyon, de maneira que ela pudesse “difundir a compreensão do verdadeiro papel e dos princípios da geografia moderna” (MARTONNE, 1908:9). O início do século XX é a época em que, ao redor da equipe dos *Annales*, uma “Escola francesa de geografia” anuncia-se como tal; porém, nem sempre é possível discernir contra quem ela reivindica sua identidade. Em oposição às sociedades de geografia? À geologia? À sociologia? Ou, quem sabe, contra todas de uma vez? Este seria então um sinal de que ela alcançou sua implantação universitária e que adquiriu legitimidade disciplinar.

### 1. Por uma geografia estritamente científica

Uma reorganização na direção dos *Annales* sobreveio rapidamente. A saída de Dubois em 1895 e sua substituição por um geólogo e por um geógrafo parecem marcar bem o veloz reajuste de uma estratégia propriamente universitária, nela incluída todas as coerções inerentes às alianças já citadas. Dubois está muito ligado aos *lobbies* coloniais: sua cátedra de geografia colonial na Sorbonne em 1893 está respaldada, em primeiro lugar, pelo Ministério das Colônias (BERDOULAY, 1981). Sua aula inaugural publicada nos *Annales de Géographie* mostra sua preocupação ostensiva rumo a uma geografia aplicada, a um conhecimento dirigido fundamentalmente aos problemas da colonização. Porém, é mister perceber esta expressão em seu sentido amplo: trata-se, certamente, de servir à exploração do Império Colonial francês. Entretanto, para ele é necessário, em essência, que a geografia contribua para guiar a conquista da Terra. Neste sentido, a geografia que ele preconiza não pode reduzir-se a uma “geografia colonial” em seu sentido banal (SOUBEYRAN, 1985) e, menos ainda, a uma “geografia

tropical” (VENNETIER, 1991). Ela corresponde, visto que seu projeto é pragmático, a uma *geografia antropocêntrica*; ela exclui uma ciência estritamente naturalista, em particular a geografia física de *per se*. Isto significa, especialmente, que as relações interdisciplinares devem desembocar menos em empréstimos que em uma “*adaptação*” dos conceitos dos naturalistas; deve haver uma “*seleção*” e um trabalho de apropriação em função do objetivo geográfico: a valorização dos territórios.

“*Aclimatar à geografia (as) informações que lhe forem úteis*”: este projeto figura no editorial dos *Annales de Géographie*, juntamente com a insistência sobre o “ofício do geógrafo” (p.II). De 1888 a 1914, Dubois é um dos que lutam com mais intensidade

**“Menos conhecida que o peso da geografia regional é, seguramente, a criação da categoria “geografia humana” pelos *Annales*. Ela parece ter sido tão associada à Escola Francesa de Geografia que sua origem tem sido esquecida. Apesar disso, ela não é simples!”**

contra geólogos como Albert de Lapparent (1839-1908) e William Morris Davis (1850-1934). Inversamente, os geógrafos próximos a Vidal de la Blache e aos *Annales* os tratam com moderação, inclusive quando se demarcam deles, preconizando um empréstimo dos conceitos naturalistas “conforme o pleno esclarecimento que cada ciência projeta sobre eles” (GALLOIS, 1899:41). Os referidos geógrafos apresentam a geografia como uma ciência da Terra, permitindo a coexistência geografia física-geografia humana. Por fim, a

posição de Dubois é insustentável: seu interesse pela ciência aplicada coloca-o em uma situação ambígua em relação às cessões de uma estratégia universitária mais vantajosa, porém constrangedora, para a institucionalização da geografia, já que conduzia a uma forte dependência para com os naturalistas.

Emmanuel de Margerie e Lucien Gallois figuraram durante várias décadas à frente dos *Annales de Géographie*. Em 1895, De Margerie era um geólogo atípico, cientista já reconhecido porém autodidata e apartado de qualquer função universitária. Gallois é geógrafo, um *normalien*, de firme cultura naturalista, apaixonado pela história e que acabara de defender brilhantemente teses sobre história da geografia (1891). Foi um dos que militou ativamente no Congresso Internacional em nome dos vínculos com a

história. A chegada do geólogo independente e a ajuda de um geógrafo-historiador conciliando com os naturalistas são mais compatíveis com a solução universitária que a política expansiva defendida por Dubois. Em um primeiro momento, Dubois parece ter seguido a solução de Drapeyron — uma Escola independente da universidade —, mas, em seguida, adotou a hipótese universitária após a criação de seu ensino de Geografia Colonial na Sorbonne. Durante a década 1890-1900, a manutenção de seus objetivos pragmáticos pareciam incompatíveis com as normas impostas pelo saber universitário. Aliás, no ano de 1900 ocorreu um enfrentamento entre Gallois e Dubois. No Congresso Francês das Sociedades de Geografia, na abertura da ciência geográfica preconizada por Dubois, pode-se ler:

Seria humilhante para o espírito científico desse país que houvesse duas geografias: uma, restrita, dogmática, arrogante, na qual deleitar-se-iam alguns professores de nosso ensino superior (...); outra, ampla, aberta, acolhedora aos homens e às doutrinas, capaz de aproximar os cientistas de diversos ofícios, permitir enxergar o mundo moderno, preparar homens de ação e de idéias dirigentes (DUBOIS, 1901:107).

No entanto, a idéia de hierarquia apresentada por Gallois é outra:

(...) aqui, os cientistas tem lugar na primeira fila, visto que, sem eles e sem seus métodos, jamais sairíamos do vago e do incerto (GALLOIS, 1901:118).

Naquele ano de 1900, a oposição em questão se viu acrescida da irreduzível divisão provocada pelo Caso Dreyfus: enquanto Dubois destacou-se ferozmente contra Dreyfus, de modo geral a *École Normale* abraçou a causa do capitão — com destaque para os geógrafos, tal como lembrou Raoul Blanchard em suas *Memórias*. Esses violentos conflitos ideológicos fizeram apenas reforçar as diferentes orientações de pesquisa perceptíveis no momento da criação dos *Annales*. Eles revelam as distintas representações em torno do ofício do geógrafo no início do século XX. Enfim, Dubois será marginalizado no âmbito da Escola Francesa de Geografia, assim como seus discípulos formados na Sorbonne. Igualmente, alguns geógrafos *normaliens* tentados por uma geografia “ativa” ficaram um pouco à margem dos *Annales de Géographie*. É o caso de Jean Brunhes, para quem esta situação está inscrita também na própria

estratégia que ele conduziu no âmbito de uma esfera católica, modernista e de ação social. (J. BRUNHES-DELAMARRE, 1975; ROBIC,1988).

## 2. Os *Annales de Géographie* e a invenção da geografia humana

É frequente situar a originalidade da geografia francesa em sua orientação regional. Os *Annales de Géographie* acomodam-se nesta orientação (MAC DONALD, 1965). De qualquer forma, seria útil retificar ou, pelo menos, precisar esta asserção. De nossa parte, preferimos insistir em um outro aspecto de seu conteúdo, concernente ao lugar da geografia humana e à dualidade entre esta e a geografia física. Menos conhecida que o peso da geografia regional é, seguramente, a criação da categoria “geografia humana” pelos *Annales*. Ela parece ter sido tão associada à Escola Francesa de Geografia que sua origem tem sido esquecida. Apesar disso, ela não é simples!

### a. A inovação linguística dos annalistas

Sabe-se que até o século XIX apenas as expressões *geografia política*, *geografia histórica* ou *geografia comercial* designavam (e pouco) o mundo humano. Tal léxico foi enriquecido com *geografia econômica*, cujo principal precursor foi Émile Levasseur a partir dos anos 1870. Porém, em 1890, os geógrafos franceses ainda não possuíam um termo capaz de designar, globalmente, uma geografia do homem. As discussões do Congresso Internacional de Geografia de Paris em 1889 mostram, por exemplo, a confusão neste campo. Quando acompanhamos os debates, eles falam, quase que indistintamente, em desenvolver o ensino da “*etnologia*”, da “*etnografia*”, da “*geografia etnográfica*” ou da “*antropogeografia*”, sem que se entenda bem qual conteúdo eles querem designar. De acordo com a resenha escrita por Dupuy:

O sr. Drapeyron propõe criar, no ensino superior, uma cadeira de antropogeografia. (...) Admitindo este termo como equivalente ao de etnografia, o sr. Camena d'Almeida insiste sobre a idéia de fazer, na filosofia, um curso resumido de geografia, onde grande espaço seria dado ao estudo homem. (...) O sr. du Fief estabelece que pouco importa se o nome for etnografia, antropologia ou etnologia: é preciso ensinar, em algum lugar, as relações do homem com o solo. (...) O sr. Torres Campos pensa que, se é bom que em cada Faculdade de Letras haja um

professor de geografia (seja ele historiador ou sociólogo), também seria útil ter, em cada Faculdade de Ciências, um professor de geografia que fosse geólogo e matemático (QUATRIÈME CONGRÈS..., p. 528-529).

É nos *Annales de Géographie* que a expressão *geografia humana* aparece durante a década de 1891-1900 antes de difundir-se no transcorrer do decênio seguinte (ROBIC, 1991a, 1992). No volume I dos *Annales*, em uma longa resenha sobre Friedrich Ratzel, Louis Raveneau assim designa a expressão em tela: “a antropogeografia estuda a extensão e a repartição do homem sobre a terra: ela é, propriamente, a geografia humana” (RAVENEAU, 1891-92: 333). Em 1896 e 1897, em vários artigos dos *Annales*, *geografia humana* é novamente utilizado por Raveneau, bem como por De Martonne e, depois, por Vidal de la Blache em seu texto acerca da geografia política de Ratzel (VIDAL DE LA BLACHE, 1898). Em 1897, Brunhes também lança mão do termo em um curso sobre o método geográfico, antes de convertê-la em subtítulo de tese dedicada a Vidal de la Blache (BRUNHES, 1902).

#### *b. Um ramo primordial da geografia geral*

O ano de 1900 representa uma etapa decisiva, pois, a partir de então, a geografia humana torna-se um ramo da geografia. Desde tal ano, ao introduzir uma rubrica da *Bibliographie géographique* dos *Annales*, a categoria *geografia humana* organiza a temática geográfica, em substituição ao termo *geografia política* (ROBIC, 1991a). Em 1902, o primeiro índice decenal dos *Annales* oficializa a nova denominação. A partir da virada de século, a geografia humana torna-se, para os redatores dos *Annales de Géographie*, em um dos principais ramos da geografia geral, ao lado da geografia física ou *natural*.

Assim, *geografia humana* difundiu-se através de vários canais destinados a geógrafos e outros intelectuais. Ela irá se impor antes de 1910 e, neste intervalo, receberá legitimação epistemológica do próprio Vidal de la Blache, cujo artigo de 1903, *La géographie humaine, ses relations avec la géographie de la vie* (VIDAL DE LA BLACHE, 1903), visa provar que o neologismo tem sua justificação pelo fato de ser uma novidade teórica (ROBIC, 1992).

Por outro lado, e nisso aparece a especificidade do grupo, a expressão não é utilizada pelos geógrafos que chamaremos “não-annalistas”. Sabemos que Reclus (1830-1905) é econômico em qualificativos, pois visa uma geografia total na linha da filosofia da natureza; a rigor, ele evoca uma geografia *social*. Levasseur promoveu a geografia *econômica* e ateve-se a ela. Dubois não defende senão uma *geografia* unitária, que combina o que muitos insistem — arbitrariamente, segundo ele — em separar: as vertentes científica e literária ou física e histórica/humana. Todavia, Dubois combate o uso do qualificativo *humana*, na medida em que estima que a perspectiva antropocêntrica da geografia é tão importante quanto tradicional. A *geografia humana*, conclui em um panfleto de 1914, é apenas a “simples e velha geografia” promovida por razões de oportunismo (DUBOIS, 1914:859).

### c. Ecologia e naturalização da geografia política

Não examinaremos aqui com detalhes as transformações resultantes da criação desse neologismo. Sublinharemos, principalmente, que seu conteúdo semântico liga-o à biogeografia ou à nascente ecologia, relacionado à geografia geral da vida que Ratzel teve a ambição de criar. Obra dos naturalistas Eugenius Warming (1841-1924) e Andreas Schimper (1856-1901), a ecologia foi descoberta pelos geógrafos franceses por intermédio dos botânicos que contribuíam regularmente nos *Annales*: Gaston Bonnier (1853-1922) e Charles Flahaut (1852-1935) (ROBIC, 1992). A geografia humana elaborada pelos “annalistas” substitui a antiga geografia política, demarcando-se também da *Politische Geographie* de Ratzel. A analogia ecológica é forte: é ela que justifica a introdução do conceito-chave de *gênero de vida* na geografia humana vidaliana. Esta origem e justificativa ecológicas tendem a “naturalizar” o estudo do homem na geografia dos “annalistas” em detrimento de seus componentes propriamente políticos e sociais.

A intensa presença de fitogeógrafos entre os naturalistas colaboradores dos *Annales* permitia que eles se demarcassem dos geólogos. O modelo ecológico proporcionava um respaldo científico plausível para a geografia do homem. Tem sido mostrado o jogo

de correspondências conceituais estabelecido entre o neolamarckismo subjacente à geografia humana vidaliana e o neokantismo inspirador de sua filosofia (BERDOULAY & SOUBEYRAN, 1991). A partir de outra perspectiva da história das ciências, quisemos sublinhar como as características epistemológicas da geografia promovida por Vidal de la Blache (ao redor de e nos *Annales de Géographie*) dependeram de uma conjuntura intelectual que submete a conquista da institucionalização da geografia científica a compromissos delicados — notadamente, a uma aliança entre universitários literários e naturalistas.

### **Conclusão: descontinuidades e singularidades**

A geografia humana ainda parece ser um ramo normal da geografia francesa, organizadora do ensino e de concursos nos mais variados níveis. Perenidade da escola dos *Annales de Géographie*? A partir de 1970-1980, esta orientação tem sido contestada pelos partidários de uma *geografia social* e pelos adeptos de um retorno ao político. Porém, talvez isto não seja o mais decisivo. A geografia humana e geografia física compõem um par. Atualmente, muitos geógrafos franceses situam-se, incluindo os geógrafos físicos, na perspectiva de uma geografia como “ciência social” (ROBIC et al. 1992).

Em muitos aspectos, tal inclinação restabelece menos o dualismo instituído sob a égide do triunvirato Vidal de la Blache-Gallois-De Margerie que o monismo sustentado por Dubois. Isto não é completamente novo. Quando os mandarins da geografia asseveram que ela é “antropocêntrica” — como fez um dos mais influentes diretores dos *Annales*, André Cholley (1886-1968), ao afirmar a necessidade de considerar os fenômenos físicos e seu valor para o homem (CHOLLEY, 1942); ou, quando Pierre George, outro diretor dos *Annales de Géographie*, manifesta, a partir da mesma época, semelhante convicção — não estão recuperando a idéia de Dubois? Uma precoce orientação rumo aos problemas contemporâneos do meio ambiente, anunciada notadamente nas *Perspectives* de 1971, manifesta que a preocupação com a interação entre as sociedades e seus quadros de vida já era algo prioritário para a direção dos

*Annales de Géographie*. Estes projetos foram assumidos pela revista após os anos cinquenta? Estão presentes nos *Annales* de nossos dias? Se estiverem, então, paradoxalmente, a fidelidade do periódico expressar-se-ia mais em relação ao seu par fundador — rapidamente remanejado — que em relação aos mandarins de um século de geografia universitária...

O final do século XIX conduziu todos os países europeus ao encontro entre Universo e Universidade. Os projetos universitários eram diferentes; as relações de cada Estado com o mundo, especialmente as de tipo imperialista, também eram distintas. Qual foi a singularidade desta geografia à la francesa? Que este estudo sobre as origens seja, no futuro, um convite ao estudo comparado de nossas geografias.

## **Bibliografia**

### **Fontes primárias**

ANNALES DE GEOGRAPHIE. Paris, Armand Colin, (1891-).

AUERBACH, B. Caractère et tendance de la science géographique. [Leçon d'ouverture du cours de géographie], *Annales de l'Est*, 2, 1888, p. 44-66.

\_\_\_\_\_. L'évolution des conceptions et de la méthode en géographie. *Journal des savants*, 1908, p. 309-321.

Avis au lecteur. *Annales de Géographie*, I, p. I-IV, 1891-92, (Les Directeurs).

BRUNHES, J. Les principes de la géographie moderne. *La Quinzaine*, 1er et 16 sept., 1897, 34 pp.

\_\_\_\_\_. *L'Irrigation. Ses conditions géographiques, ses modes, son organisation dans la Péninsule ibérique et dans l'Afrique du nord. Etude de géographie humaine*, Paris, C. Naud, 1902, 518 pp.

\_\_\_\_\_. *La géographie humaine. Essai de classification positive. Principes et exemples*, Paris, F. Alcan, 1910, 843 pp.

CHOLLEY, A. *Guide de l'étudiant en géographie*, Paris, PUF, 1942, 231 pp.

*Congrès national des Sociétés françaises de géographie, XXI<sup>e</sup> session, Paris, 20-24 août 1900, Comptes rendus publiés par la Société de géographie*, 1901, Paris, Masson, Société de géographie, 284 pp.

DAPEYRON, L. Le Centenaire de la Révolution. L'Exposition universelle et le Congrès géographique international. *Revue de géographie*, 1, 1889, p. 321-327.

\_\_\_\_\_. Les résolutions et irrésolutions du Congrès géographique international de 1889. *Revue de géographie*, 1, 1890a, p. 40-49.

\_\_\_\_\_. A nos lecteurs. L'Univers et l'Université. *Revue de géographie*, 2, 1890b, p. 1-8.

DUBOIS, M. L'avenir de l'enseignement géographique. *Revue internationale de l'enseignement*, XV, 1888, p. 449-477.

\_\_\_\_\_. Leçon d'ouverture du cours de géographie coloniale, Faculté des Lettres, 14 décembre 1893. *Annales de Géographie*, III, 1893-94, p. 121-137.

\_\_\_\_\_. Définition et limites de la géographie. Classification des sciences géographiques. p. 89-108, in: *Congrès national*, 1901, *op. cit.*

\_\_\_\_\_. Géographie et géographes (à propos d'une thèse). *Le Correspondant*, 2, 1914, p. 833-863.

DUPUY, P. La géographie dans l'enseignement primaire. *Revue de géographie*, 2, 1889, p. 207-220 et p. 289-302.

FAURE, C. Les progrès de l'enseignement de la géographie en France. *Bulletin de la Société neuchâteloise de géographie*, 1889-91, p. 96-125.

FLAHAUT, C. La géographie des plantes avec la physiologie pour base. *Annales de Géographie*, 1889, p. 193-206.

GALLOIS, L. La géographie et les sciences naturelles. *Revue universitaire*, 1, 1899, p. 38-47,

\_\_\_\_\_. L'évolution de la géographie, 1901, p. 110-119, in: *Congrès national... op. cit.*

LEVASSEUR, E. *L'étude et l'enseignement de la géographie*, Paris, Delagrave, 1872, 126 p.

MARTONNE, E. de. La vie des peuples du Haut-Nil: explication de trois cartes anthropogéographiques. *Annales de Géographie*, V, p. 506-521, VI, 1896-97, p. 61-70.

\_\_\_\_\_. Le Cinquantenaire des *Annales de Géographie*, *Annales de Géographie*, 1942, p. 1-6.

Quatrième Congrès international des sciences géographiques tenu à Paris en 1889. T. 1  
Compte rendu publié par le secrétariat général du Congrès, 1890, Paris, Bibliothèque  
des Annales économiques, Société d'études scientifiques, 796 p.

RAVENEAU, L. L'élément humain dans la géographie. L'Anthropogéographie de M.  
Ratzel. *Annales de Géographie*, 1891-92, p. 331-347.

\_\_\_\_\_. Un groupe de géographes: les *Annales de Géographie*. *La Vie*, 31 août,  
1912, p. 309-312.

RECLUS, E. *L'Homme et la Terre*, Paris, FM/La Découverte, 2 t. 182, 1982, p. et 222 p.  
[Introduction et choix des textes par B. Giblin, publication initiale 1906-1908].

VIDAL DE LA BLACHE, P. *La Terre. Géographie physique et économique. Histoire  
sommaire des Découvertes*, Paris, Delagrave, 1883, 304 p.

\_\_\_\_\_. *Atlas général historique et géographique*, Paris, Armand Colin, 1894  
(Atlas Vidal-Lablache).

\_\_\_\_\_. La géographie politique, à propos des écrits de M. Frédéric Ratzel.  
*Annales de Géographie*, 1898, p. 97-111.

\_\_\_\_\_. La géographie humaine, ses rapports avec la géographie de la vie. *Revue  
de synthèse historique*, p. 2, 1903, 19-240.

\_\_\_\_\_. Les genres de vie dans la géographie humaine. *Annales de Géographie*,  
1911, p. 193-212 et p. 289-304.

\_\_\_\_\_. *Principes de géographie humaine*, Paris, A. Colin, 1922, 327 pp.

### Estudos atuais

BERDOULAY, V. *La formation de l'école française de géographie (1870-1914)*, Paris,  
Bibliothèque nationale, 1981, 245 pp.

BERDOULAY, V. ; SOUBEYRAN, O. Lamarck, Darwin et Vidal : aux fondements  
naturalistes de la géographie humaine. *Annales de Géographie*, 1991, p. 617-634.

BIROT, M.-M. ; BRIEND, A.-M. ; CHALINE, C. Principales revues de géographie publiées  
en Europe. *Annales de Géographie*, 1991, p. 797-816.

BROC, N. L'établissement de la géographie en France: diffusion, institutions, projets  
(1870-1890). *Annales de Géographie*, 1974, p. 545-568.

CAPEL, H. Institutionalization of geography and strategies of change. p. 37-69, in:  
Stoddart D.R. (ed.), *Geography, ideology and social concern*, Oxford, Basic Blackwell,

1981.

Cent ans de géographie en Languedoc. *Bulletin de la Société languedocienne de géographie*, 4, 1990.

CLAVAL, P. *Essai sur l'évolution de la géographie humaine*, Paris, Les Belles Lettres, 1976, 162 pp.

DUNBAR, G. Some early occurrences of the term "social geography". *Scottish geographical magazine*, 1, 1977, p. 15-20.

*Géographes Français (Les)*, Paris, Bibliothèque nationale, 1975, 203 pp.

GEORGE, P. Un porte-parole presque centenaire... *Les Annales de Géographie. Annales de Géographie*, 517, 1984, p. 281-289.

GIBLIN, B. La géographie, discipline asservie ou l'histoire d'un combat perdu pour la géographie. *Hérodote*, 20, 1981, p. 56-68.

GARCIA-RAMON, D. ; NOGUE-FONT, J. Professional geography and the academic institutionalization of geography in Spain. p. 65-74, in: Berdoulay V. Van Ginkel J.A. (eds.), *Geography and professional practice*, Utrecht, Nederlandse Geographische Studies 206, 1992.

GÓMEZ-MENDOZA, J. ; ORTEGÁ CANTERO, N. Géographie et régénérationisme en Espagne (1875-1936). p. 111-123, in: Berdoulay V. Van Ginkel J.A. (eds.), *Geography and professional practice*, Utrecht, Nederlandse Geographische Studies 206, 1986.

J.BRUNHES-DELMARRE, M. Jean Brunhes (1869-1930). p. 49-80, in: *Les géographes français*, Paris, Bibliothèque nationale, 1975.

KARADY, V. Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens. *Revue française de sociologie*, XX, 1979, p. 49-82.

\_\_\_\_\_. Les professeurs de la République. Le marché scolaire, les réformes universitaires et les transformations de la fonction professorale à la fin du XIX<sup>e</sup> siècle. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 47-48, 1983, p. 90-112.

LEJEUNE, D. *Les Sociétés de géographie en France, dans le mouvement social et intellectuel du XIX<sup>e</sup> siècle*, Thèse d'Etat, Paris X-Nanterre, 1987.

LEFORT, I. *L'esprit et la lettre. Géographie savante-Géographie scolaire (1870-1970)*, Paris, CNRS Editions (Mémoires et documents de géographie), 1992, 257 p.

MEYNIER, A. *Histoire de la pensée géographique en France (1872-1969)*, Paris, PUF, 1969, 224 pp.

MAC DONALD, J.R. Publication trends in a major French geographical journal. *Annals of the Association of American Geographers*, 1965, p. 125-139 [1912-1961].

NICOLET, C. *L'idée républicaine en France (1789-1924). Essai d'histoire critique*, Paris, Gallimard, 1982, 512 pp.

PINCHEMEL, P. ; ROBIC, M.-C. ; TISSIER, J.-L. *Deux siècles de géographie française. Choix de textes*, Paris, Ed. du Comité des travaux historiques et scientifiques, 1984, 380 pp.

Perspectives. *Annales de Géographie*, 1971, p. 641-643 (Le Comité de Direction).

RHEIN, C.. La géographie, discipline scolaire et/ou science sociale ? 1860-1920. *Revue française de sociologie*, XXIII, 1982, p. 223-251.

ROBIC, M.-C. Les petits mondes de l'eau : le fluide et le fixe dans la méthode de Jean Brunhes. *L'Espace géographique*, 1988, p. 31-42.

\_\_\_\_\_. La Bibliographie géographique (1891-1991), témoin d'un siècle de géographie : quelques enseignements d'analyses formelles. *Annales de Géographie*, 1991a, p. 521-577.

\_\_\_\_\_. La stratégie épistémologique du mixte : le dossier vidalien. *Espaces Temps*, 47/48 (La fabrique des sciences sociales), 1991b, p. 53 -66.

\_\_\_\_\_. L'invention de la 'géographie humaine' au tournant des années 1900 : les vidaliens et l'écologie. p. 137-144 in: Claval P. (dir.), *Autour de Vidal de la Blache. La formation de l'école française de géographie*, Paris, CNRS Editions, Mémoires et documents de géographie, 1992.

ROBIC, M.-C. ; BESSE, J.-M. ; LUGINBUHL, Y. ; OZOUF-MARIGNIER, M.-V. ; TISSIER, J.-L. *Du milieu à l'environnement. Pratiques et représentations du rapport homme/nature depuis la Renaissance*, Paris, Economica, 1992, 343 pp.

SOUBEYRAN, O. La géographie coloniale. Un élément structurant dans la naissance de l'Ecole française de géographie. p. 82-90, in: Bruneau M. Dory D. (dir.), *Enjeux de la tropicalité : histoire et épistémologie de la géographie*, Paris, Masson, 1989.

TISSIER, J.-L. Rappels. *Annales de Géographie*, 1991, p. 513-520.

TRICART, J. Cent ans de géomorphologie dans les Annales de Géographie. *Annales de Géographie*, 1991, p. 578-616.

VENNETIER, P. A travers un siècle de géographie humaine française dans les pays tropicaux. *Annales de Géographie*, 1991, p. 644-667.